





Dinis Santos

# VIAJANDO PELOS ALPES

CRÓNICAS HUMORÍSTICAS DE UMA VIAGEM EM FAMÍLIA



1ª Edição



*Aos nossos queridos companheiros de viagem, grandes e pequenos,*

Este livro é para todos aqueles que, com um espírito aventureiro e uma alegria contagiante, se lançam à descoberta de novos horizontes em família. À nossa filha, que, com menos de um ano de idade, nos mostrou que as maiores e melhores aventuras se vivem com o coração aberto e a curiosidade desperta; e a toda a nossa família, que é o pilar mais sólido e essencial das nossas vidas.

Que estas crónicas tragam sorrisos, alimentem sonhos e recordem que, por mais desafiantes que sejam os caminhos, as memórias que criamos juntos são os tesouros mais preciosos.



Viajar é sempre uma aventura, mas viajar em família é uma verdadeira expedição, especialmente quando essa família inclui um bebê que mal aprendeu a sentar-se. Quando decidimos embarcar nesta jornada pelos Alpes, a nossa intenção não era apenas explorar paisagens de cortar a respiração e desfrutar da riqueza cultural da Suíça e dos seus arredores. Queríamos, acima de tudo, documentar um momento único nas nossas vidas: os primeiros meses da nossa filha Íris, e todas as “primeiras vezes” que essa aventura nos proporcionaria.

"*Viajando pelos Alpes*" não é apenas um relato de viagem; é um diário de bordo, uma crónica das pequenas e grandes conquistas que se desenrolam quando nos atrevemos a explorar o mundo com uma criança nos braços. A cada página, convidamos o leitor a desmistificar o conceito de viajar com uma criança, mostrando que, com um pouco de humor e muita paciência, é possível transformar o que poderia ser um desafio numa experiência inesquecível.

Nesta viagem, registámos momentos únicos que nunca se irão repetir. O primeiro olhar encantado da Íris para as montanhas, a primeira *pizza* em Milão, as primeiras gargalhadas partilhadas num país estrangeiro. Documentar estas “primeiras vezes” tornou-se quase uma missão para nós, conscientes de que são momentos efémeros, que o tempo teima em apagar da memória, mas que aqui ficam immortalizados nas palavras e nas fotografias que acompanham estas crónicas.

Este livro é, portanto, uma celebração das descobertas, não só das paisagens alpinas, mas também das pequenas grandes descobertas da vida em família. Cada crónica aqui presente reflete o esforço de equilibrar o

desconhecido com o familiar, de encontrar humor nas dificuldades e de abraçar a imprevisibilidade de uma viagem com um bebê. Acreditamos que, ao partilhar estas histórias, possamos inspirar outras famílias a aventurarem-se, a verem o mundo através dos olhos curiosos dos seus filhos e a valorizarem cada “primeira vez” como o presente precioso que realmente é.

Então, caro leitor, convidamo-lo a juntar-se a nós nesta viagem. Que as nossas histórias lhe tragam um sorriso ao rosto e, quem sabe, o encorajem a embarcar na sua própria aventura em família. Porque, no final de contas, as melhores histórias são aquelas que vivemos juntos, em família, e que, de uma forma ou de outra, continuam a ser contadas por gerações.

Boa viagem e boa leitura!

# Índice

1. Planeamento de uma Viagem
2. Adeus Portugal, adeus
3. Milano, ho una fame da lupi!
4. Alpes, Neve e Decisões
5. No coração de Liechtenstein
6. Zurique e a Intervenção Divina
7. Estrada fora e Sonolências
8. Carnaval em Veneza
9. The Godfather
10. Caminhos Tortuosos
11. Ascona e Sonogno
12. O Regresso
13. Então, e eu?



# 1. Planeamento de uma Viagem

2023 chegou como um sopro de esperança para aqueles que já estavam a perder a fé na normalidade. Depois de dois anos a ver o mundo a partir de um ecrã, finalmente podíamos voltar a fazer as malas e pôr-nos a andar. O mundo começava a compor-se após a época pandémica, e nós, na nossa ingenuidade de quem acha que o pior já passou, decidimos que era a altura perfeita para uma grande aventura familiar.

O plano? Ah, o plano... Bom, era tão definido como as previsões meteorológicas em Portugal. A única certeza era que queríamos algo mais épico do que um simples passeio de Lisboa a Faro. Sem desprimor para Faro, claro, mas se íamos sair de casa, que fosse para algo digno de ser contado aos netos — ou, no nosso caso, à nossa filha quando ela crescesse e ainda quisesse ouvir as nossas histórias.

Começámos a preparar a viagem em janeiro, e o entusiasmo foi crescendo como um bolo na temperatura errada — rapidamente e sem grande controlo. Em vez de planearmos uma viagem normal, com destino e itinerário modestos, desejávamos viver uma verdadeira aventura, algo que merecesse ser cantado em verso por um qualquer trovador moderno.

Claro que havia um novo elemento na equação: a nossa bebé de sete meses. Não era só mais uma viagem, era a primeira grande aventura da nossa pequenina. E não era apenas uma bebé qualquer, era a nossa bebé, o que elevava o nível de responsabilidade a patamares nunca antes imaginados. Como pais de primeira viagem, tínhamos aquele misto de coragem e loucura que só quem nunca fez isto antes consegue ter. “Se vamos para a aventura, levamos a miúda connosco”, pensámos. Se é para dar cabo do sistema nervoso, que seja em conjunto e em grande estilo.

Viajar com um bebé é um desafio que faz a subida ao Everest parecer um passeio pelo parque. Entre garantir a segurança da bebé e proporcionar-lhe uma experiência divertida e enriquecedora, o planeamento da viagem ganhou uma nova dimensão.

Mal começámos a pensar em fazer as malas, percebemos que já nada seria como antes. Esqueçam aquelas malas pequeninas e as escapadinhas de última hora. Desta vez, a coisa assumiu proporções quase épicas. Fraldas, brinquedos, roupa extra para cada eventualidade (leia-se: catástrofe), e um carrinho de bebé que parecia uma arca do tesouro portátil, ocupando ainda mais espaço no carro do que os próprios pais. De repente, planear uma viagem parecia uma missão de logística digna das Forças Armadas, com a diferença de que nós não tínhamos treino, só boa vontade.

As preocupações? Eram mais do que aquelas que tínhamos quando comprámos a casa. Tudo tinha de ser pensado ao detalhe: desde o alojamento ao transporte, passando por garantir que cada paragem era apropriada para a pequena exploradora. E claro, equilibrar a

diversão de uma viagem com a segurança e bem-estar dela era um malabarismo constante.

Os conselhos que recebíamos? Uma autêntica avalanche de opiniões, cada uma mais catastrófica que a outra. “Vais-te meter numa confusão com a bebé”, “Ela é demasiado pequena para viajar”, “Deixem isso para quando forem avós”. Cada palavra de sabedoria trazia consigo uma pitada de humor negro, como se nos quisessem ver a desistir antes de começar.

Não obstante, existia sempre uma reflexão interior: se não formos agora, qual a altura ideal? Quando estivermos com barbas brancas e a bengala em riste? Quando a nossa filha estiver a planear uma revolução juvenil com o namorado, discutindo se deve ou não trazer os pais em viagem? Não, decidimos que se há um momento para viver uma grande aventura, é agora.

No final das contas, se adiássemos, arriscávamos acabar a contar a história como “aquele plano de viagem que nunca fizemos”. E isso, meus amigos, era o pior dos desfechos. Por isso, metemos as preocupações no bolso, enchemos o depósito de coragem, arregaçámos as mangas e começámos a planear a nossa viagem. Porque a vida, tal como as boas viagens, é para ser vivida enquanto ainda temos pernas para andar.

Claro que os conselhos e alertas exagerados só nos deram ainda mais vontade de fazer isto acontecer. Não era só sobre logística — queríamos que a nossa filha tivesse a oportunidade de ver o mundo, de começar cedo a cultivar o gosto pela aventura. Ela podia ainda não perceber, mas estava prestes a entrar no jogo da vida da forma mais homérica possível.

E, claro, ao iniciarmos a fase de planeamento, como é habitual entre os portugueses, a preocupação com o orçamento não poderia faltar. Uma viagem *low budget* foi um objetivo claro e primordial, e as estratégias de poupança teriam de ser cuidadosamente refletidas. Com a situação financeira em mente, cada gasto deveria ser avaliado e cada decisão ponderada.

Ah, a vida de um português e as suas poupanças! Se existe uma coisa que aprendemos desde cedo é que, para amearhar as nossas fortunas, temos de ser verdadeiros mestres da arte da economia. Não podemos simplesmente esbanjar a nossa fortuna de forma imponderada. Não, senhor! O nosso lema é “cada cêntimo conta” e, se possível, “cada cêntimo vira euros”. A nossa abordagem ao orçamento é quase científica: calculamos o custo-benefício de cada café tomado fora de casa e ponderamos se um *croissant* é um luxo ou um investimento.

Chegada a altura de planear uma viagem, transformamos o ato de poupar em verdadeira arte. Desde procurar promoções em sites de viagens até esperar pelo desconto de última hora nos hotéis. Somos incansáveis!

Descontos? Sim, por favor! Ofertas de pacote? Com certeza! E se isso significar assistir ao sol nascer para garantir o melhor preço, então lá estaremos nós, com uma chávena de café e um olhar atento. Afinal, no mundo das poupanças, cada euro poupado é um passo mais perto de uma aventura inesquecível.

Tendo reunido os recursos financeiros necessários para realizar uma grande viagem, era hora de nos dedicarmos ao planeamento com a precisão de um

alfaiate a ajustar um fato por medida. Cada detalhe precisava de ser cuidadosamente pensado, garantindo que pudéssemos desfrutar da aventura sem comprometer as nossas finanças.

No entanto, apesar de termos um orçamento definido, continuávamos sem conseguir responder à pergunta crucial: para onde vamos?

Por sorte, o destino sorriu para nós de forma inesperada. Recebemos um convite do padrinho da nossa filha, o Alexandre, para visitar a sua nova casa em Itália, em Vimodrone, onde ele e a sua parceira de vida Tiziana se encontravam a viver. O convite surgiu como uma oportunidade preciosa para matar saudades e explorar uma zona fascinante nos arredores de Milão, sem que o custo de alojamento representasse uma preocupação. A ideia de passar tempo com pessoas queridas e, ao mesmo tempo, explorar novos lugares parecia perfeita — como um bilhete dourado para uma montanha-russa de emoções.

E assim, com a clareza de um relâmpago, decidimos: “*Voilà*, já temos o nosso destino!”. Ou pelo menos, um ponto de partida perfeito para a nossa grande aventura.

Após recebermos o convite, a nossa primeira reação foi algo como: “Onde raio fica Vimodrone?”. Conhecíamos Milão, claro, e os seus pontos turísticos, mas esta tal de Vimodrone parecia uma daquelas localidades que só se encontram nas notas de rodapé dos guias de viagem. A nossa primeira abordagem foi recorrer ao Google Maps e, ao ver o ponto no mapa, ficámos curiosos com a pequena localidade que parecia quase um segredo bem guardado. Com o tempo, descobrimos que esta localização estava, efetivamente, muito perto de Milão e

tinha o seu próprio encanto especial. A cidade prometia ser um ponto de partida perfeito para explorar a região, oferecendo uma mistura de tranquilidade e acessibilidade. Assim, em vez de ser um simples ponto no mapa, Vimodrone revelou-se uma verdadeira porta de entrada para descobrir o que a Lombardia tem de melhor, e estávamos ansiosos para ver tudo o que esta excelente oportunidade tinha para nos oferecer.

Começámos a traçar o plano de como explorar a região. Mas como bons aventureiros, não queríamos parar por aí. A nossa ambição estava em alta e a lista de destinos começava a crescer: queríamos visitar os Alpes suíços, explorar Zurique, conhecer Liechtenstein, mergulhar na vibrante cidade de Milão e explorar os encantadores canais de Veneza. Tudo parecia estar “relativamente perto” desta cidade. No fundo, o que são 200 km de distância para um conjunto de pessoas sedentas de passeio? A nossa viagem estava a transformar-se numa verdadeira odisséia, repleta de promessas de descobertas e momentos inesquecíveis.

Assim, com o entusiasmo a crescer e o planeamento a avançar, começámos a preparar-nos para uma aventura que prometia ser tão desafiadora quanto emocionante. Entre as preocupações e preparações, havia uma certeza: esta viagem seria uma experiência memorável para toda a família, e marcaria a nossa primeira viagem com a nossa bebé Íris. E, se Vimodrone não fosse o destino dos nossos sonhos, a oportunidade de reencontrar velhos amigos já valia a viagem em si. Estávamos prontos para abraçar o momento, com um sorriso no rosto e a certeza de que, no final, Vimodrone se tornaria o nosso pequeno

tesouro escondido em Itália, representando uma peça-chave da nossa aventura!

A organização da viagem foi uma verdadeira corrida contra o tempo. Após várias tentativas e ajustes, conseguimos finalmente alinhar as nossas agendas e fixar uma data: 8 a 14 de fevereiro. Foi um alívio perceber que, naquele período, todos estaríamos livres para desfrutar da tão aguardada pausa. Conseguir coordenar as agendas de todos para que pudéssemos desfrutar de uma semana de férias foi uma pequena vitória – quase um feito olímpico.

Mas, como não há bem que sempre dure, a realidade não demorou a bater à porta: faltava cerca de um mês para o arranque da viagem! E a verdade é que pouco mais tínhamos do que meia dúzia de destinos traçados.

O tempo parecia uma flecha, a voar por entre os nossos dedos, enquanto nos afundávamos nas complexidades do planeamento. Cada segundo contava para garantir que tudo estivesse em ordem. Com uma janela tão curta, a sensação era de que qualquer minuto de atraso poderia transformar a preparação numa corrida frenética de última hora.

Após uma rápida pesquisa no *Skyscanner*, conseguimos garantir os bilhetes de avião, que, diga-se de passagem, foram uma verdadeira pechincha – cerca de quarenta euros por pessoa, ida e volta! A época baixa claramente jogou a nosso favor, permitindo-nos aproveitar preços significativamente reduzidos. No entanto, assim que resolvemos a questão dos voos, surgiu a próxima preocupação: como é que nos iríamos deslocar entre os vários destinos durante as férias?